

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

# Migração haitiana e trabalho: indicadores de Adaptação e Integração

Wydglan da Silva Cruz, Alexandre José de Souza Peres

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.5911>

Submetido em: 2023-10-31

Postado em: 2023-11-06 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

A moderação deste preprint recebeu o endosso de:

Frederico Condé (ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5711-5867>)

**Situação:** o preprint foi submetido para avaliação e publicação.

**Título do Manuscrito:**

**Haitian migration and work: Adaptation and Integration indicators**

***Migração haitiana e trabalho: indicadores de Adaptação e Integração***

**Migração haitiana: Adaptação e Integração**

**Autor 1:** Wydglan da Silva Cruz, mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande – MS, Brasil; Email: [wydglancruz@gmail.com](mailto:wydglancruz@gmail.com); ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-7085-7294>.

**Autor 2:** Alexandre José de Souza Peres é doutor em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações pela Universidade de Brasília (UnB), professor na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande – MS, Brasil; Email: [alexandre.peres@ufms.br](mailto:alexandre.peres@ufms.br); ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3472-6120>

O autor da submissão declara que todos os autores responsáveis pela elaboração do manuscrito concordam com este depósito.

Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.

Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.

Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints.

Os autores declaram que no caso deste manuscrito ter sido submetido previamente a um periódico e estando o mesmo em avaliação receberam consentimento do periódico para realizar o depósito no servidor SciELO Preprints.

O autor da submissão declara que as contribuições de todos os autores estão incluídas no manuscrito.

Os autores declaram que caso o manuscrito venha a ser postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo estará disponível sob licença Creative Commons CC-BY.

**Declaração da contribuição dos autores:**

Certificamos que todos os autores participaram suficientemente do trabalho para tornar pública sua responsabilidade pelo conteúdo. A contribuição de cada autor pode ser atribuída como se segue:

Wydglan e Alexandre contribuíram para a conceitualização, investigação e visualização do artigo; fizeram a redação inicial do artigo (rascunho) e são os responsáveis pela redação final (revisão e edição).

**Declaração de conflitos de interesse:**

Os autores declaram que não há conflitos de interesse no manuscrito submetido.

## Abstract

This study aimed to analyze the process of cultural adaptation of Haitian migrants in Brazil who make up the migratory flow that began in 2011, through the analysis of official work statistics made available by the International Migration Observatory (OBMigra) referring to the 2011 historical series. -2020. The results indicated that Haitian migrants are predominantly men, black, single, aged between 25 and 39 years, with permanent migratory status and residing in the South and Southeast regions. During their stay, the Haitian migrant seeks social interaction through work, access to public education policies and interpersonal relationships, in addition to maintaining customs and contact with their original culture, which refers to the Adaptation Integration strategy. On the other hand, the Marginalization process is perceived in the bureaucratic and social difficulties faced in access and working conditions, such as discrimination, low wages and underemployment.

**Keywords:** acculturation; emigration and immigration; Haiti; human migration psychology; work.

## Resumo

*Este estudo teve como objetivo analisar o processo de adaptação cultural dos migrantes haitianos no Brasil que compõem o fluxo migratório iniciado a partir de 2011, por meio da análise de estatísticas oficiais de trabalho disponibilizadas pelo Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra) referentes à série histórica 2011-2020. Os resultados indicaram que os migrantes haitianos são predominantemente homens, pretos, solteiros, na faixa etária de 25 a 39 anos, com status migratório permanente e residentes nas regiões Sul e Sudeste. Durante a permanência, o migrante haitiano busca interação social por meio do trabalho, acesso às políticas públicas de educação e relações interpessoais, além da manutenção dos costumes e contato com a sua cultura original, que se refere à estratégia de Integração de adaptação. Por outro lado, o processo de Marginalização é percebido nas dificuldades burocráticas e sociais em enfrentadas no acesso e nas condições de trabalho, como discriminação, salários baixos e subemprego.*

**Palavras-chave:** *aculturação; emigração e imigração; Haiti; migração humana; psicologia; trabalho.*

Nas últimas décadas, o debate sobre a migração internacional assumiu um protagonismo na agenda política global, com desdobramentos evidentes em diversas regiões do planeta. O crescimento exponencial de migrantes forçados em todo o mundo se justifica por uma série de diferentes catástrofes de aspecto humano: crises e conflitos políticos e sociais, guerras e desastres naturais (Baenninger & Peres, 2017; Galina et al., 2017; Patarra & Fernandes, 2011). Conforme a *International Organization for Migration* (IOM, 2020), o número de migrantes internacionais em 2019 chegou a 272 milhões ou 3,5% da população mundial. Desses, 52% de migrantes homens e 48% mulheres, sendo que 74% estavam em idade produtiva para trabalho, ou seja, tinham entre 20 e 64 anos.

O Brasil também vem sendo impactado por esse fluxo migratório. Segundo o relatório anual do Observatório das Migrações Internacionais (Cavalcanti, 2021), os migrantes solicitantes de refúgio no Brasil são caracterizados em sua maioria por serem pessoas do sexo masculino e em idade ativa para a inserção no mercado de trabalho. De 2011 a 2019, foram registrados no Brasil 1.085.673 migrantes considerando os amparos legais, com o predomínio de fluxos oriundos da América do Sul e do Caribe. Os maiores registros de migrantes de longo termo (i.e., migrantes que permanecem no país em um período maior de um ano) foram de venezuelanos (142.250), paraguaios (97.316), bolivianos (57.765) e haitianos (54.182). (Cavalcanti, 2021).

O ano de 2010 pode ser considerado como o marco do início da migração em massa de haitianos para o Brasil. A partir desse ano, o país recebeu vários grupos de haitianos motivados por uma série de acontecimentos políticos, sociais e econômicos (Cruz e Peres, 2022). Embora haja registros de haitianos no país desde 1940 (Pachi, 2020), os primeiros grandes fluxos de haitianos chegando no país foram registrados após janeiro de 2010. Neste ano, o Haiti sofreu um terremoto de alta magnitude que provocou mais de 200.000 mortes e acarretou o deslocamento externo de 1,6 milhões de pessoas para todo o mundo (Cavalcanti, 2017).

Os migrantes que se direcionaram para o Brasil entravam pelos estados do Acre e do Amazonas. Posteriormente, partiam para as regiões Sul e Sudeste em busca de melhores condições de vida. Nesse processo, solicitavam permissão para entrar no país ao Conselho Nacional dos Refugiados (CONARE) e recebiam uma documentação provisória para sua permanência em território nacional. O CONARE, então, encaminhava a situação para o Conselho Nacional de Imigração (CNIG) com

o objetivo de legalizar a questão, concedendo aos haitianos o visto humanitário de residência e autorizando-os a permanecer no país, com o prazo de até cinco anos para comprovar a situação de emprego e residência junto às autoridades migratórias brasileiras (Morais et al., 2013; Patarra, 2011; Reis, 2011; Zeni & Filippim, 2014).

A partir de 2013, o fluxo da migração haitiana para o Brasil é considerado um marco para a década, passando a ser a principal nacionalidade de migrantes no mercado de trabalho formal brasileiro, superando fluxos tradicionais, como o de portugueses (Cavalcanti, 2021). O quantitativo de haitianos passou de 14% do total de trabalhadores migrantes no país em 2013 para 40,5% em 2020 (Simões & Neto, 2021). Mesmo considerando que o Haiti seja o responsável pelo crescimento da participação do Caribe entre os trabalhadores migrantes no Brasil, outras nacionalidades também registraram crescimento no período, como, por exemplo, os venezuelanos. Juntos, os migrantes dessas duas nacionalidades representavam mais da metade dos trabalhadores do total de migrantes no mercado formal do país, sendo 38,9% de trabalhadores haitianos no ano de 2020 (Cavalcanti et al., 2020; Simões e Neto, 2021).

Cavalcanti et al. (2015) destacam que os haitianos passaram a ser a principal nacionalidade de migrantes no mercado de trabalho entre os anos de 2011 e 2013, e que a população haitiana no Brasil cresceu aproximadamente 18 vezes, passando de pouco mais de 814 em 2011 para 14.579 empregados formalmente em 2013. Já Simões e Neto (2021) destacam que o aumento significativo e a continuidade do trabalhador haitiano na economia brasileira estão relacionados à continuidade da crise humanitária e política no país de origem, sobrepondo a situação econômica do Brasil, que mostrou recessão desde meados de 2014, tendo como consequência a diminuição da dinâmica de seu mercado de trabalho.

O fluxo migratório haitiano no Brasil segue a lógica das oportunidades de emprego e trabalho. O migrante haitiano é um migrante voltado para o trabalho (Jesus, 2020). Conforme os relatos obtidos por Cruz et al. (2023), as oportunidades de emprego e trabalho para esse grupo já eram ofertadas na entrada ao país, quando empresários enviavam transporte para o recrutamento dessa mão de obra.

A partir desses relatos, Cruz et al. (2023) conjecturaram que os processos de aculturação de migrantes haitianos no Brasil estão intrinsecamente ligados os processos de inserção e adaptação ao trabalho. Identifica-se nesses relatos que esses migrantes buscam ativamente acessar políticas públicas, incluindo a educação

em seus diferentes níveis para todos os membros da família (i.e., crianças, jovens e adultos), como forma de melhorar as condições de acesso, manutenção e ascensão no trabalho formal.

A definição clássica de Aculturação foi apresentada por Redfield et al. (1936, citados por Berry, 1997), que definem esse construto em termos dos fenômenos que ocorrem quando grupos de indivíduos com culturas diferentes entram em contato direto e contínuo com a ocorrência de mudanças subsequentes nos padrões da cultura original de um ou de ambos os grupos (p. 7). Conforme Yoon et. al (2013), a Aculturação pode ser conceituada como uma forma bilinear (em que a socialização cultural para culturas predominantes e étnicas ocorrem de forma independente uma da outra) e multidimensional (em várias áreas, como comportamento, identidade, conhecimento, valores, entre outros) que ocorre na interação de determinados contextos sociais (e.g., casa, escola, trabalho, comunidade etc.).

Segundo Rudimin et al. (2017), etimologicamente, a palavra Aculturação tem o significado de direção, ou seja, movimento em direção a uma cultura ou aquisição de uma segunda cultura. Neste estudo, referimo-nos a essa definição de Aculturação (*acculturation*), que caracteriza o processo em que indivíduos ou grupos adaptam seus valores sociais, culturais, ideais, crenças e comportamentos de sua cultura de origem para uma cultura diferente, por meio de contato direto e contínuo (APA, 2023a; Michaelis, 2023a). Ou seja, não confundimos o construto de Aculturação com o de Desculturação (i.e., *deculturation*), que se refere ao processo da perda ou da supressão de uma identidade cultural resultante do contato com uma cultura diferente (dominante), de forma intencional ou não (APA, 2023b; Michaelis, 2023b).

No campo dos estudos sobre Aculturação, Berry (1997) é um dos pesquisadores mais influentes. Os constructos por ele identificados e elaborados evoluíram ao longo de três décadas e exerceram grande influência nas pesquisas de Aculturação, devido à sua base conceitual abrangente e aos dados empíricos sistemáticos (Yoon et al., 2013). Os conceitos-chave da teoria de Berry incluem: grupos de Aculturação; Aculturação Psicológica; Estratégias de Aculturação; e fatores que afetam o processo de Aculturação (Berry, 1997).

A Aculturação, inicialmente, foi entendida como um fenômeno em nível de grupo e, posteriormente, foi diferenciada de forma a enfatizar as diferenças em níveis de grupos e indivíduos (Berry, 1997; Sam & Berry, 2010). As alterações culturais produzem mudanças nos costumes, na vida econômica e política de um grupo. Já as

mudanças psicológicas incluem alterações nos indivíduos em relação ao processo de Aculturação e suas identificações culturais. Para Han et al. (2016), a Aculturação tem raízes conceituais e empíricas na pesquisa psicológica devido às suas hipóteses, uma vez que está relacionada a uma ampla gama de fatores psicossociais entre grupos étnicos que estão em ambientes de novo contato cultural.

Berry (1997) propôs um modelo de Aculturação bidimensional, baseado em duas questões fundamentais para grupos (ou indivíduos) que entram em contato cultural. Essas questões referem-se à forma como os indivíduos e grupos (1) procuram manter sua cultura e identidade de herança e (2) procuram interagir com as pessoas de outras culturas na sociedade de acolhimento (Han et al., 2016).

Quando essas dimensões são cruzadas, obtêm-se quatro estratégias de Aculturação: Assimilação, Separação, Integração e Marginalização. A Assimilação existe quando os indivíduos não desejam manter sua cultura de herança e procuram se envolver totalmente com a sociedade mais ampla. A Separação existe quando as pessoas ou grupo étnico valorizam a manutenção de sua cultura original e, ao mesmo tempo, desejam evitar a interação com a cultura dominante. A Integração ocorre quando os indivíduos desejam manter sua cultura de herança e também aspiram a estar totalmente engajados na vida da sociedade em geral. Já a Marginalização é o oposto exato da integração e reflete o mínimo interesse na manutenção do patrimônio cultural ou na conexão com a cultura dominante (Berry, 1997; Han et al., 2016).

As quatro estratégias propostas por Berry (1997) são dinâmicas e não devem ser consideradas como resultados-finais em si mesmas. Elas podem mudar dependendo de fatores situacionais. Por exemplo, após vivenciar situações de preconceito racial e xenofobia, alguns migrantes podem adotar a Marginalização como estratégia. Para Sam e Berry (2010) e Berry et al. (2006), o papel da discriminação é importante nos processos de migração e adaptação. Os migrantes que sofrem alta discriminação são propensos a adotar a estratégia de Separação, enquanto aqueles que sofrem menos discriminação preferem a Integração ou Assimilação. Nesse processo de adaptação, há uma troca mútua cultural: se os migrantes experimentam rejeição e discriminação na sociedade de acolhimento, eles estarão propensos a rejeitar essa cultura. A discriminação é, portanto, um dos fatores mais prejudiciais à adaptação psicológica e sociocultural.

Neste estudo, defendemos que a análise das estatísticas oficiais de trabalho é uma estratégia metodológica pertinente para compreender aspectos relacionados à

permanência, integração e marginalização de migrantes. Potencialmente, esses dados indicariam o tempo de permanência de um grupo de migrantes pertencentes a determinado fluxo migratório e seu nível de engajamento na vida na sociedade de destino por meio do acesso ao trabalho e ao sistema educacional formais.

Portanto, para compreender como se dá a Permanência e a díade Integração e Marginalização, é necessário investigar fatores relacionados ao trabalho, tais como remuneração, região, sexo, idade e percepção de discriminação. Considerando o fato de o Brasil ser um país continental, com diversidade regional em suas dimensões culturais, históricas e econômicas, essa diversidade também é relevante. Embora as informações fornecidas pelos indicadores oficiais de trabalho não esgotem as fontes de dados necessárias para analisar os impactos do trabalho sobre a Aculturação dos migrantes haitianos, eles nos permitem analisar a Permanência e a Integração, evidenciadas, por exemplo, pelo tempo ativo no trabalho e pelo papel do trabalho na inserção social.

Em contrapartida, as estatísticas oficiais também podem apontar indicativos sobre o processo de Marginalização, uma vez que ele está associado às dificuldades de acesso aos meios de trabalho, produção e serviços educacionais. A redução do número de haitianos nos indicadores de trabalho, por exemplo, indicaria dificuldades nos processos de adaptação sociocultural e psicológica.

Além da vantagem desses dados estarem organizados e publicamente disponíveis por meio de microdados (Obmigra, n.d.), a estratégia metodológica de utilizar indicadores oficiais ajuda a contornar alguns obstáculos na pesquisa com migrantes. Tendo em vista, a linguagem como primeiro obstáculo para pesquisas, a psicologia não dispõe de instrumentos específicos para investigações de constructos relacionados ao processo da migração haitiana para o Brasil (Cruz & Peres, 2023; Weber et al., 2018).

Outro obstáculo que essa estratégia ajuda a contornar é a dificuldade de coletar dados de grandes amostras de migrantes haitianos. Esse grupo se mostra relutante em participar de pesquisas do tipo *survey* (Araújo et al., 2015). Durante a coleta de dados de outros estudos do projeto de pesquisa do qual este estudo faz parte (Cruz et al., 2023), alguns haitianos mostraram-se mais propensos a realizar entrevistas com questões abertas do que a responder questionários. Conforme Araújo et al. (2015), as razões para esse comportamento são consequências das primeiras entrevistas e divulgações na mídia local, onde a presença haitiana era vista de maneira

especulativa e havia descontextualização por parte da mídia. Foram registrados relatos de perguntas sem contexto jornalístico ou acadêmico, que fortaleciam estereótipos negativos sobre o Haiti, como, por exemplo, se havia luz ou água encanada no Haiti.

O objetivo deste estudo foi investigar a aculturação dos migrantes haitianos no Brasil, por meio da análise de dados oficiais sobre trabalho produzidos por órgãos do Governo Federal do Brasil, referentes à série histórica de 2011-2020. Para tanto, buscou-se identificar indicativos acerca das dimensões de permanência e da díade integração e marginalização desses migrantes nos dados analisados.

## **Método**

### **Dados**

Neste estudo foram utilizados os microdados oficiais referentes à série histórica de 2011 a 2020 organizados e disponibilizados pelo Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra, n.d.) e parceiros, que incluem:

- RAIS/CTPS Estoque: informações sobre vínculos de trabalho formais ativos ao final de cada ano resultantes do pareamento das bases de dados Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS) e Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) organizadas pelo Ministério do Trabalho e Emprego; e
- Sistema de Registro Nacional Migratório (SISMIGRA): registros administrativos da Polícia Federal referentes aos imigrantes que entraram com pedido de cadastro para a emissão de Registro de Nacional Migratório a cada ano.

### **Procedimentos e Análise de Dados**

Os microdados foram baixados manualmente do site do OBMigra (n.d.) e da CAPES (2023) e foram tratados no software R. Utilizamos os seguintes filtros para separar informações exclusivas sobre o fluxo migratório haitiano: SISMIGRA 2011-2016 (PAIS\_NASCIMENTO = "REPUBLICA HAITI"); SISMIGRA 2017-2020 (PAIS\_NASCIMENTO = "HAITI"); RAIS-CTPS Estoque (pais = "HAITI"); Censo Escolar (NOME\_PAIS\_CE = "HAITI" ou "REPÚBLICA DO HAITI").

Os dados financeiros foram corrigidos pelo IPCA - Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IBGE, 2023), tendo como referência o mês de dezembro de 2022. Para tanto, utilizou-se o pacote deflateBR (Meireles, 2018). Foram calculadas estatísticas descritivas dos dados referentes a migrantes haitianos em cada banco de

dados, desagregados por ano da série histórica 2011-2020. Quando disponível, foi acrescentado o ano de 2010 aos gráficos e tabelas.

## Resultados

Os resultados são apresentados a seguir, organizados em duas seções: dados gerais sobre a migração e, na sequência, informações sobre trabalho. Os dados gerais são oriundos da base de dados do SISMIGRA, referentes a pedidos de cadastro para emissão de Registro de Nacional Migratório (OBMigra, n.d.). Não há dados para o ano de 2017 no SISMIGRA para algumas variáveis, como sexo, idade, Unidade Federativa (UF) de residência e estado civil. Os dados referentes a esses migrantes são sintetizados na Figura 1.

=====Figura 1=====

Durante a série histórica de 2011 a 2020, ocorreram 149.533 entradas no Brasil de haitianos com amparos legais. Destes, 98.731 haitianos (66,03%) foram registrados como permanentes, 50.742 (33,93%) como temporários e 60 (0,04%) como outros (provisórios ou fronteiriços). Em 2010, cerca de 480 migrantes haitianos ingressaram no Brasil, o que equivale a menos de 1% do total de migrantes nesse mesmo ano (74.339). O ano de 2016 registrou o pico de entrada de haitianos, com 41.982 pessoas, representando 33,81% do total de migrantes. Por fim, em 2020, registrou-se o ingresso de 23.611 migrantes haitianos, um quantitativo 49 vezes maior do que o de 2011, representando 25,5% do total de migrantes que chegaram ao Brasil nesse ano.

Quanto ao sexo, há predominância do masculino na série histórica (63,48%). No entanto, observa-se um aumento na chegada de migrantes do sexo feminino, saindo de 77 pessoas (16,04% do total) em 2011 para 10.095 (42,7% do total) em 2020. Em relação ao estado civil, considerando os dados de toda a série histórica, 75,19% declararam-se solteiros, 20,55% casados, 4,12% outros (divorciados, desquitados ou desconhecidos) e 0,15% viúvos. Em relação à faixa etária, há predominância de pessoas com 25 a 39 anos de idade, variando de 67,71% em 2011 a 50,1% em 2020 do total de migrantes haitianos. Nota-se um aumento geral, ano a ano, nas demais faixas etárias, especialmente de 15 a 24 anos.

Quanto a distribuição dos migrantes haitianos no espaço geográfico nacional, considerando o total de migrantes observados na série histórica, destacam-se as regiões Sul (51,74%) e Sudeste (34,66%), seguidas pelo Centro-Oeste (8,24%), Norte (5,22%) e Nordeste (0,14%). Quatro UFs concentram 80,10% do total de migrantes

haitianos: São Paulo (28,36%), Santa Catarina (22,06%), Paraná (16,55%) e Rio Grande do Sul (13,13%).

### **Indicadores sobre Trabalho**

Em relação ao trabalho formal, conforme a RAIS – CTPS Estoque (OBMigra, n.d.), foram emitidas 1.273.514 carteiras de trabalho para migrantes no Brasil no período de 2011 a 2020, das quais 319.444 (25,08% do total) pertencem a migrantes haitianos. O quantitativo de carteiras de trabalho emitidas para migrantes haitianos cresceu continuamente na série histórica, passando de 670 em 2011 para 70.507 em 2020, um aumento de cerca de 105 vezes. A maioria desses trabalhadores está localizada nas regiões Sul e Sudeste, correspondendo a 89% das carteiras emitidas na série histórica. Santa Catarina (29,64%), São Paulo (21,26%), Paraná (18,01%) e Rio Grande do Sul (14,17%) respondem por 83,08% do total de emissões. Os dados referentes a esses migrantes são sintetizados nas Figuras 2 e 3.

=====Figura 2=====

=====Figura 3=====

Considerando os dados de toda a série histórica, há predominância de trabalhadores migrantes na faixa etária de 30 a 39 anos, seguidos daqueles com 25 a 29 anos. Essas duas faixas etárias, juntas, variam entre 74,78% em 2011 a 68,95% em 2020. Quanto ao sexo, declararam-se do masculino 77,44%. O percentual de participação das mulheres aumentou no decorrer da série histórica, passando de 8,81% em 2011 para 25,83% em 2020.

Já quanto raça/cor, a maioria se autodeclara Preta (72,96%). O quantitativo de Negros, que agrupa Pretos e Pardos, é de 78,63%. A quantidade de casos não-declarados (i.e., o migrante não declarou sua raça/cor) aumentou ano a ano durante a série histórica, representando 14,55% do total de trabalhadores haitianos na série histórica.

Quanto ao nível de instrução, há predominância de trabalhadores que não concluíram a Educação Básica: sem instrução ou Ensino Fundamental incompleto (27,86%), Ensino Fundamental completo (17,93%) e Ensino Médio incompleto (10,78%). Estas categorias juntas variaram entre 60% em 2011 e 56,57% em 2020. Apresentavam o Ensino Médio completo 40,63% dos trabalhadores, enquanto 1,17% apresentavam Educação Superior incompleta, 1,59% Educação Superior completa e 0,03% pós-graduação.

Quanto ao *status* migratório, a maioria solicitou a permissão Permanente no país (70,22%), seguidos pelos que solicitaram Refúgio (7,73%), temporários (3,52%) e Fronteiriços, isto é, que residem em fronteira (0,01%). Não há essa informação para 18,52% desses trabalhadores. As categorias Refugiado e Fronteiriço foram registradas somente a partir de 2016, enquanto a categoria Temporário somente a partir de 2017.

Verifica-se um aumento constante da média de tempo de emprego, ou seja, do tempo em que um trabalhador está no emprego registrado nos microdados. Entre 2010 e 2013 essa média passou de 2,04 a 7,8. Em 2013 foi registrado 11 meses de média, aproximadamente um ano. Entre 2014 e 2020, a média superou um ano de vínculo com o emprego, passando de 14,92 a 22,43 meses. A carga horária de trabalho típica desses trabalhadores é de 41 a 44 horas semanais em toda a série histórica, faixa em que se enquadra mais de 90% dos trabalhadores em todos os anos.

Há predominância de trabalhadores cujos contratos são por prazo indeterminado (ou seja, o contrato de trabalho por prazo indeterminado é realizado após o fim do período de experiência do trabalhador), na área urbana, e regidos pela CLT (Consolidação das Leis do Trabalho). Entre 2011 e 2018, em média 97,58% dos contratos apresentavam essas características. Em 2019 e 2020, esse percentual caiu para uma média de 77,48%. Essa queda deve-se ao crescimento de trabalhadores com vínculo CLT, área urbana, mas com prazo determinado ou obra certa (i.e., trabalhadores com contrato de até 2 anos) que representavam menos de 1%, em média, dos contratos entre 2011 e 2018, e passaram a representar, em média, 41,85% em 2019 e 2020.

Quanto a remuneração média do trabalhador, o valor médio mensal recebido pelo haitiano manteve-se no patamar. Considerando os valores deflacionados pelo IPCA com base em dezembro de 2022, observou-se uma média da remuneração média de R\$1.759,31 em 2011 e R\$1.746,82 em 2022. A média mais alta foi observada em 2014, R\$2.068,36. Durante a série histórica, a média foi de R\$1.908,29. Em termos de salários-mínimos, observa-se que, de fato, o poder de compra do trabalhador haitiano diminuiu durante a série histórica, passando de uma média de 1,7 salários-mínimos entre 2011 e 2016 para 1,50 salários-mínimos entre 2018 e 2020, ano que atingiu o valor mais baixo, de 1,42 salários-mínimos.

As ocupações mais comuns dos trabalhadores migrantes haitianos são: alimentador de linha de produção, servente de obras e pedreiro, faxineiro, trabalhador

de serviços de limpeza e conservação de áreas públicas, ocupações relacionadas a serviços de alimentação (como auxiliar, cozinheiro geral, atendente de lanchonete, garçom etc.), ocupações relacionadas ao trabalho em frigoríficos e açougues (magarefe, abatedor, desossador, retalhador de carne, salsicheiro etc.), ajudante de motorista, entre outras.

### **Discussão**

Os resultados descritos nos permitem levantar indicativos acerca da Permanência, Integração e Marginalização dos haitianos no Brasil pertencentes ao fluxo migratório iniciado em 2010. Ao contrário de uma vivência estritamente temporária, encontramos indicativos de que os haitianos vêm permanecendo no país.

No período inicial do fluxo migratório, o interesse dos migrantes haitianos pelo Brasil é justificado por uma série de fatores: o fechamento de fronteiras nos EUA e Europa devido a ataques terroristas, a conexão com os brasileiros devido à presença na MINUSTAH e o atrativo de empregos com as grandes construções de hidroelétricas, os preparativos para a Copa do Mundo em 2014 e Jogos Olímpicos em 2016 (Cruz et al., 2023; Moraes et al., 2013). Porém o quantitativo de migrantes haitianos entrando no Brasil seguiu crescente após esse período inicial, tendo o pico em 2016 (ano da Olimpíada).

Os números relacionados ao trabalho acompanharam o crescimento de entrada. Isso significa que foi possível constatar que as tendências de acesso ao emprego acompanham a tendência de entrada. Observamos, entre 2011 e 2020, um crescimento de cerca de 49 vezes do número de migrantes haitianos entrando no Brasil anualmente, de 105 vezes nas carteiras de trabalho emitidas para eles. Ou seja, não houve na série histórica recrudescimento dos indicadores de trabalho em relação aos indicadores de chegada dos haitianos ao Brasil, o que indica um processo de Integração desses migrantes.

Outro indicativo encontrado nos dados analisados, diz respeito a voluntariedade para o deslocamento, uma das etapas do processo de Aculturação e fator preponderante para a Permanência e Integração. Em outras palavras, ao optar pela migração internacional, o migrante haitiano alterou sua residência em busca de trabalho e melhoria nas condições de vida. Mesmo que compelido pelo contexto histórico e econômico, houve uma escolha do Brasil como destino e, uma vez no país, houve a escolha em continuar residindo no Brasil.

Cruz et al. (2023), Jesus (2020) e Zanatti et al. (2018) relatam que, após a legalização para a entrada no país, o destino dos haitianos era determinado pelas vagas de emprego. Empregadores e empresas de diversos ramos e áreas de investimentos sinalizaram o encontro do capital com a força de trabalho, em sua grande maioria trabalhadores para canteiros de obra e serviços gerais. Magalhães (2017) explica que, inicialmente, o recrutamento de haitianos nas fronteiras (do Amazonas e de Rondônia, por exemplo) para a Mesorregião do Vale de Itajaí em Santa Catarina. A partir de 2013, os recrutamentos começaram a ser realizados em São Paulo, diminuindo os custos de viagem e transporte. O recrutamento em São Paulo contava com o apoio de organizações não-governamentais para as mediações. Para Pachi (2020), as medidas adotadas pelo Governo Federal para a regularização da entrada de haitianos no país (visto humanitário, residência permanente e visto concedidos em Porto Príncipe) resultou na diminuição da entrada deste fluxo na região norte e os haitianos passaram a chegar diretamente em São Paulo por via aérea.

Os resultados deste estudo corroboram os apontamentos feitos em estudos anteriores, ilustrando o deslocamento dos migrantes haitianos dentro do país ao longo da série histórica por meio de indicadores de migração, trabalho e educação. Por meio dos indicadores sobre a migração e sobre o trabalho, verificamos que, além de continuarem optando pelo Brasil ao migrar, os migrantes haitianos se deslocam dentro do país. Considerando os dados de migração, oriundos do SISMIGRA, em 2011, do total de 480 migrantes haitianos no Brasil, estavam concentrados na região Norte 59,79%, enquanto 25,83% estavam no Sudeste e 12,08% no Sul. Progressivamente, houve uma redistribuição do fluxo migratório de haitianos no Brasil de forma que, em 2020, a região Sul passou a concentrar 50,09% dos migrantes, o Sudeste 36,99% e a região Norte por apenas 3,75% - Centro-Oeste e Nordeste concentravam, respectivamente 9,0% e 0,15%. A mesma tendência é observável nos dados de trabalho.

Os resultados também apresentam indicativos de que as estratégias de Integração e Marginalização estão ambas em curso quando se trata do fluxo migratório haitiano. Enquanto a Integração pressupõe que o migrante mantenha sua cultural original ao mesmo tempo em que busca uma participação integral na cultura de destino, a Marginalização pressupõe uma indisposição ou inabilidade do migrante em participar da cultura original e da de destino. Ressalta-se que essas estratégias

são determinadas, pelo menos em parte, pela cultura de destino, como por exemplo pela discriminação racial e pela xenofobia.

Quanto ao papel do trabalho na aculturação dos migrantes haitianos no Brasil, por um lado, a predominância do status migratório permanente, do vínculo empregatício com prazo indeterminado e da jornada de trabalho de 41 a 44 horas semanais, além do aumento do tempo de emprego do trabalhador, são indicativos do processo de Integração. Ou seja, o migrante haitiano tem conseguido visto de residente permanente, obtido maior estabilidade no trabalho (ao permanecer mais tempo no emprego) e tem trabalhado em período integral.

Para Santos e Hanshiro (2021), o trabalho assume como ferramenta outro significado para os migrantes haitianos para além da subsistência. O trabalho garante o envio de remessas financeiras para a família que ficou no Haiti, a fim de lhes garantir melhores condições ou até trazê-los para o Brasil, promovendo a reunião familiar. Essa característica indica a estratégia de Integração, na qual o migrante ao mesmo tempo mantém contatos e interação social no Brasil e mantém laços culturais e familiares.

Por outro lado, no período analisado, a renda média dos migrantes haitianos permaneceu praticamente a mesma, quando observamos os valores deflacionados com base em valores de dezembro de 2022, saindo de R\$1.798,99 em 2011 para R\$1.746,82 em 2020. Mais grave, houve uma perda do poder de compra, pois esses valores convertidos em salários-mínimos correspondiam a 1,70 salários-mínimos em 2011, caindo para 1,36 em 2020. Além disso, as ocupações típicas são sempre de funções auxiliares, como alimentador de linha de produção, servente de obras, faxineiro e magarefe.

Berry (1997) aponta que o desemprego e o subemprego podem induzir os migrantes à estratégia de Marginalização. Isso pôde ser observado neste estudo. Santos e Hanashiro (2020) destacaram a dificuldade que migrantes haitianos que já possuíam educação de nível superior ao migrar para o Brasil enfrentam para revalidar seus diplomas. Durante a espera da revalidação, há a necessidade de trabalhar em ocupações que exigem menor qualificação profissional.

Pongon (2016) aponta para o fato dos haitianos que já possuem formação em seu país de origem não conseguirem exercer as mesmas ocupações e serem submetidos a outras condições de trabalho, inclusive em situações consideradas precárias. Comparativamente, em 2020, com valores deflacionados pelo IPCA com

base em dezembro de 2022, a remuneração média do trabalhador haitiano com educação superior era de R\$2.026,24, em média aproximadamente apenas 15% superior a remuneração dos trabalhadores de nível médio (R\$1.694,16) e fundamental (R\$1.742,71). Ou seja, em média, a educação superior não tem garantido acesso a empregos com remunerações significativamente maiores.

Uma vez que não foi possível fazer o cruzamento entre as diferentes bases de dados, não é possível saber quais são as efetivas taxas de desemprego e subemprego dos migrantes haitianos no Brasil. Ou seja, as informações descritas neste estudo dizem respeito somente aos migrantes que possuem carteira de trabalho. Por essa razão, não levantamos informação quanto ao desemprego e ao mercado informal de trabalho, como as vagas relacionadas a *uberização* (Franco et al., 2023), por exemplo. Além disso, não pudemos analisar a proporção de migrantes com mais de um emprego com ou sem carteira de trabalho.

É possível conjecturar que a crise econômica vivenciada nos últimos (Saboia et al., 2021) tenha dificultado a interação entre brasileiros e migrantes haitianos. Estudos anteriores, como de Versani e Carvalho Neto (2021), mostram que há uma visão por parte de brasileiros de que os migrantes estão ocupando vagas de trabalho de brasileiros desempregados. Há também queixas quanto aos comportamentos de interação social dos migrantes haitianos, que seriam vistos como mais reservados e discretos. Potencialmente, esses fatores contribuem para a adoção da estratégia da Marginalização pelos migrantes haitianos, ou já são reflexo dela.

Outro fator diretamente ligado a relação entre trabalhadores brasileiros e haitianos é a visão de que os migrantes trabalham por salários/valores mais baixos, afetando também o salário dos brasileiros (Versani e Carvalho Neto, 2021). Esse fator pôde ser observado neste estudo. A título de comparação, em valores corrigidos pelo IPCA com base em dezembro de 2022, no trimestre móvel encerrado em janeiro de 2021, o rendimento habitual médio no Brasil era de R\$2.935,15 (Carvalho, 2021), enquanto entre os migrantes haitianos com carteira de trabalho, a remuneração média era de R\$1.746,82 em dezembro de 2020. Em estudos qualitativos (Cruz, et. al., 2023, Costa & Garcia, 2017, Barros & Martins-Borges, 2018), os haitianos relatam o desejo de continuar no Brasil condicionado a continuidade da vida escolar no Brasil como forma de ascensão profissional.

### **Considerações finais**

Em síntese, considerando os dados analisados neste estudo e os resultados de outros estudos, a Permanência dos migrantes haitianos no Brasil é evidenciada pelos índices de entrada ao país que crescem a cada ano, aumento justificado pela reunião familiar e de amigos que continuam a chegar. A Permanência dos haitianos é notada nos números oficiais de trabalho e educação, que também aumentam ano a ano durante a série histórica, com a finalidade de subsistência, melhoria nas condições de vida e Integração. Durante o processo de Permanência, o migrante haitiano busca interação social por meio do trabalho, acesso às políticas públicas de educação e relações interpessoais, além da manutenção dos costumes e contato com a sua cultura original, que se refere a estratégia de Integração. Já a estratégia da Marginalização é percebida nas dificuldades burocráticas e sociais em torno do acesso e condições de trabalho. As disponibilidades e condições de empregos, as remunerações e a burocracia para validar diplomas são fatores que contribuem para o afastamento do migrante haitiano da cultura brasileira.

Os resultados demonstram que os haitianos estão propensos a se integrar à sociedade brasileira, permanecendo no país e buscando estratégias de integração ao se inserir no mercado de trabalho de forma progressiva, considerando as estatísticas descritas neste estudo. Não obstante, há indicativos da Marginalização desses migrantes como, por exemplo, o subemprego de trabalhadores com nível superior, a baixa remuneração e a perda do poder de compra ao longo da série histórica.

Esses resultados, embora relevantes, não esgotam as informações necessárias para compreender como se dá a Integração e a Marginalização dos migrantes haitianos no Brasil. É necessário analisar, por exemplo, a experiência individual da migração, questões relacionadas a diferenças individuais, como a personalidade, a saúde mental, a distância cultural, a percepção de acolhimento, representações sociais e ao preconceito e discriminação.

Parte dessa limitação diz respeito à falta de integração entre os microdados de diferentes origens analisados neste estudo, restringindo as análises a uma descrição dos dados do grupo de migrantes. Ou seja, não é possível, pelos microdados, acompanhar um indivíduo desde sua entrada no país até a sua inserção no mercado de trabalho e na educação, ou mesmo uma eventual saída permanente do país. Por exemplo, não é possível saber o tempo médio após a entrada no Brasil que os migrantes haitianos levam para conseguir um emprego ou para ingressar no Ensino

Superior, entre outras análises que poderiam trazer à tona mais indicadores sobre os construtos Permanência e Integração.

Além disso, os microdados analisados não trazem informações referentes ao desemprego, evasão e abandono escolar e saída justificada do país. Pode-se refletir que os migrantes que adotam a Marginalização e a Separação como estratégia de aculturação são aqueles que optaram por sair do Brasil em busca de melhores condições de vida em outros países ou no Haiti.

Além dessas limitações, deve-se apontar que os microdados analisados não representam um censo dos migrantes. Ou seja, não é possível gerar estatísticas, tais como taxas, para descrever os dados. Assim, por desconhecer o total de migrantes haitianos vivendo no Brasil, não foi possível descrever os percentuais desse grupo que estão trabalhando e matriculados na educação básica e superior.

Ao passo em que apresenta essas limitações, essa estratégia de analisar as estatísticas oficiais como proxies da Permanência, Integração e Marginalização, apresenta a vantagem de contornar um problema metodológico descrito por uma série de pesquisadores ao realizar estudos com os migrantes haitianos: esse grupo é muito resistente a participar de pesquisas do tipo *survey*. Uma das principais razões é o histórico de entrevistas e publicações da mídia que descontextualizavam a presença dos haitianos nas diversas regiões do Brasil, reproduzindo estereótipos negativos sobre esse grupo ou sobre o Haiti.

Assim, defende-se que a pesquisa com migrantes haitianos deva envolver estratégias multimétodo com objetivos voltados a responder questões centrais do processo de aculturação dos migrantes haitianos no Brasil. Nessa abordagem, como buscamos demonstrar neste estudo, as estatísticas oficiais serão úteis não somente para investigação de fatores econômicos e demográficos envolvidos no fenômeno da migração, mas também para o estudo de aspectos psicossociais da migração, complementarmente aos estudos qualitativos.

### **Contribuição**

Certificamos que todos os autores participaram suficientemente do trabalho para tornar pública sua responsabilidade pelo conteúdo. A contribuição de cada autor pode ser atribuída como se segue: Wydglan e Alexandre contribuíram para a conceitualização e desenho, análise e interpretação dos dados, revisão e aprovação da versão final do artigo.

## Referências

- American Psychological Association (2023a). Acculturation. APA.  
<https://dictionary.apa.org/acculturation>
- American Psychological Association (2023b). Deculturation. APA.  
<https://dictionary.apa.org/deculturation>
- Araújo et al. (2015). Notas metodológicas. In: Cavalcanti, L. Tonhati, T. Dutra, D. Oliveira, M. (Org) *A imigração Haitiana no Brasil: Características Demográficas na região Sul e no Distrito Federal* (10-23)
- Baeninger, R., & Peres, R. (2017). Migração de crise: a migração haitiana para o Brasil. *Revista Brasileira De Estudos De População*, 34(1), 119–143.  
<https://doi.org/10.20947/S0102-3098a0017>
- Barros, A. F. O., & Martins-Borges, L. (2018). Reconstrução em Movimento: Impactos do Terremoto de 2010 em Imigrantes Haitianos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 38(1), 157-171. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003122016>
- Berry, J.W., et. al. (2006), Immigrant Youth: Acculturation, Identity, and Adaptation. *Applied Psychology*, 55, 303-332. <https://doi.org/10.1111/j.1464-0597.2006.00256.x>
- Berry, J.W. (1997), Immigration, Acculturation, and Adaptation. *Applied Psychology*, 46, 5-34. <https://doi.org/10.1111/j.1464-0597.1997.tb01087.x>
- Cavalcanti, Leonardo (2015). Novos fluxos migratórios para o mercado de trabalho brasileiro. Desafios para políticas públicas. *Revista da Associação Nacional de pós graduação e pesquisa em Geografia (Anpege)* 11(16). 21-35  
<https://doi.org/10.5418/RA2015.1116.0002>
- Cavalcanti, L; Oliveira, T.; Silva, B. G. (2020). Relatório Anual 2019. *Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral*. OBMigra.  
<https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/relatorios>

Cavalcanti, L; Oliveira, T.; Silva, B. G. (2021). Relatório Anual 2021 – 2011-2020: Uma década de desafios para a imigração e o refúgio no Brasil. *Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral*. OBMigra.  
<https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/relatorios-a>

Cruz, W. da S., & Peres, A. J. de S. (2023). Psychology and Migration: A Systematic Review of Brazilian Literature. In *SciELO Preprints*.  
<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.5912>

Cruz, W. S., Peres, A.J.S. (2022). Mato do Grosso do Sul na rota haitiana de migração. In F. S. Bezerra, & L. P. Almeida. (Orgs.). *Expressões acadêmicas e diálogos sobre migração, refúgio e políticas sociais*, 73-90. Pimenta Cultural

Cruz, W. S. Almeida, L. P. & Peres, A. J. de S. (2023, março). Migração, Adaptação Cultural e Trabalho: Haitianos em Mato Grosso do Sul Cruz et al., 2023;

Franco, D. S., Ferraz, D. L. S., & Ferraz, J. M. (2023). Uberization Political Economy: Worker Exploitation Regarding Three Forms of Work Intermediation in Platform Companies. *Organização & Sociedade*, 30(105), 367-396.  
<https://doi.org/10.1590/1984-92302023v30n0012EN>

Galina, V. F., Silva, T. B. B. Haydu, M., & Martin, D. (2017). A saúde mental dos refugiados: um olhar sobre estudos qualitativos. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 21(61), 297–308. <https://doi.org/10.1590/1807-57622016.0929>

Costa, L. Q. M., & Garcia, A. (2014). Amizade e migração internacional: o caso de gregos no Espírito Santo. *Interação em psicologia*, 18(3), 297-308.  
<https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/29254/28226>

Han L, Berry J.W., & Zheng Y (2016). The Relationship of Acculturation Strategies to Resilience: The Moderating Impact of Social Support among Qiang Ethnicity following the 2008 Chinese. *PLoS ONE* 11 (10): e0164484.  
<https://doi.org/10.1371/journal.pone.0164484>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (n.d.). *IPCA - Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo*. IBGE.

<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/precos-e-custos/9256-indice-nacional-de-precos-ao-consumidor-amplo.html?=&t=o-que-e>

Organizações Internacionais para as Migrações (OIM). (2020). *World Migration Report 2020: Migrant Well-Being and Development*. Genebra, Suíça:

Organizações Internacionais para as Migrações. Retirado de <https://publications.iom.int/books/world-migration-report-2020>

Jesus, Alex Dias de (2020). *Redes da migração haitiana no Mato Grosso do Sul*. [Tese de Doutorado em Geografia, UFGD].

<https://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/handle/prefix/3901>

Magalhães, Luis Felipe Aires (2017). A migração haitiana em Santa Catarina: perfil sociodemográfico do fluxo, contradições da inserção laboral e dependência remessas no Haiti (s.n.). [Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas]. <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1630825>

Meireles, F. (2018). *deflateBR: Deflate Nominal Brazilian Reais* (version 1.1.2). The Comprehensive R Archive Network. <https://cran.r-project.org/web/packages/deflateBR/index.html>

Michaelis, (2023a). Aculturação. Dicionário Michaelis.

<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/acultura%C3%A7%C3%A3o/>

Michaelis, (2023b). Desculturação. Dicionário Michaelis.

<https://michaelis.uol.com.br/busca?id=2Ev5>

Morais, I. A., Andrade, C.A.A, Mattos, B. R. B. (2013). A imigração haitiana para o Brasil: causas e desafios. *Conjuntura Austral*, 40(20), 95-114.

<http://seer.ufrgs.br/index.php/ConjunturaAustral/article/download/35798/27329>

Observatório das Migrações Internacionais - OBMigra. (n.d.). *Microdados*. Portal de Imigração. <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/microdados>

- Oliveira, A. T. (2015). O perfil geral dos imigrantes no Brasil a partir dos censos demográficos de 2000 e 2010. In: Cavalcanti, Leonardo; Oliveira, Antonio Tadeu; Tonhati, Tânia (Orgs.) *A Inserção dos Imigrantes no Mercado de Trabalho Brasileiro*. 48-73.  
<https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/relatorios-a>
- Pachi, Priscilla (2020). A imigração haitiana e as mudanças no espaço urbano da cidade de São Paulo. *Ideias*, 11, 1-29.  
<https://doi.org/10.20396/ideias.v11i0.86584>
- Patarra, N. L. & Fernandes, D. (2011) Brasil: país de migração? *Revista Internacional em Língua Portuguesa*. 3(24) 65-91 <http://aulp.org/wp-content/uploads/2019/01/RILP24.pdf#page=360>
- Patarra, N. L. & Fernandes, D. (2011). Brasil: país de migração? *Revista Internacional em Língua Portuguesa*, 3(24) 65-91 <http://aulp.org/wp-content/uploads/2019/01/RILP24.pdf#page=360>
- Pongnon, V. N. (2016). Formação profissional e projeto de vida: a inserção dos imigrantes Haitianos e Cabo Verdianos no mercado de trabalho em Brasília. *Universitas: Relações Internacionais*, 14(1), 15-30.  
<https://doi.org/10.5102/uri.v14i1.3749>
- Reis, R. R. (2011). A política do Brasil para as migrações internacionais. *Contexto Internacional*, 33(1), 47-69. <https://doi.org/10.1590/S0102-85292011000100003>
- Rudimin et al. (2017). 'Acculturation Research Critiques and Alternative Research Designs', In: Schwartz, S. J.& Unger, J (eds), *The Oxford Handbook of Acculturation and Health*. (75-96). Oxford Library of Psychology
- Saboia., Neto, J. H., Simões, A., Dick, P. C. (2021). Mercado de trabalho, salário-mínimo e distribuição de renda no brasil no passado recente. *Revista de Economia Contemporânea*, 25(2), e212521.  
<https://doi.org/10.1590/198055272521>
- Sam D.L., Berry J.W. (Eds.). (2006). *The Cambridge handbook of acculturation psychology*. Cambridge, United Kingdom: Cambridge University Press.

Santos, E. E. O., Hanashiro, D. M. M. (2021). Dinâmicas de aculturação e acesso ao emprego em uma ONG brasileira voltada para a integração social de refugiados haitianos. *Cadernos EBAPE.BR*, 19(2). 356-364.

<https://doi.org/10.1590/1679-395120200020>

Neto, J. H., Simões, A., Dick, P. C. (2021). Mercado de trabalho, salário-mínimo e distribuição de renda no Brasil no passado recente. *Revista de Economia Contemporânea*, 25(2), e212521. <https://doi.org/10.1590/198055272521>

Versiani, F., & Carvalho Neto, A. (2021). South-South migration: a study on refugees working in small and medium Brazilian enterprises. *Cadernos EBAPE.BR*, 19(2), 252–264. <https://doi.org/10.1590/1679-395120200056>

Weber, J. L. A., Brunnet, A. E., Lobo, N. D. S., Cargnelutti, E. S., & Pizzinato, A. (2019). Imigração haitiana no Rio Grande do Sul: aspectos psicossociais, aculturação, preconceito e qualidade de vida. *Psico USF*, 24(1), 173-185.

<https://www.scielo.br/j/pusf/a/kLKxCyZhY3vGKwT6tzhzwzi/?lang=pt&format=pdf>

Yoon, E., et al (2013). A meta-analysis of acculturation/enculturation and mental health. *Journal of Counseling Psychology*, 60(1), 15–30.

<https://doi.org/10.1037/a0030652>

Zanatti, A. W., Siqueira, J. F. R., & Gonçalves, F. R. (2018). Haitianos em Campo Grande, Mato Grosso do Sul: a busca por uma integração humanitária.

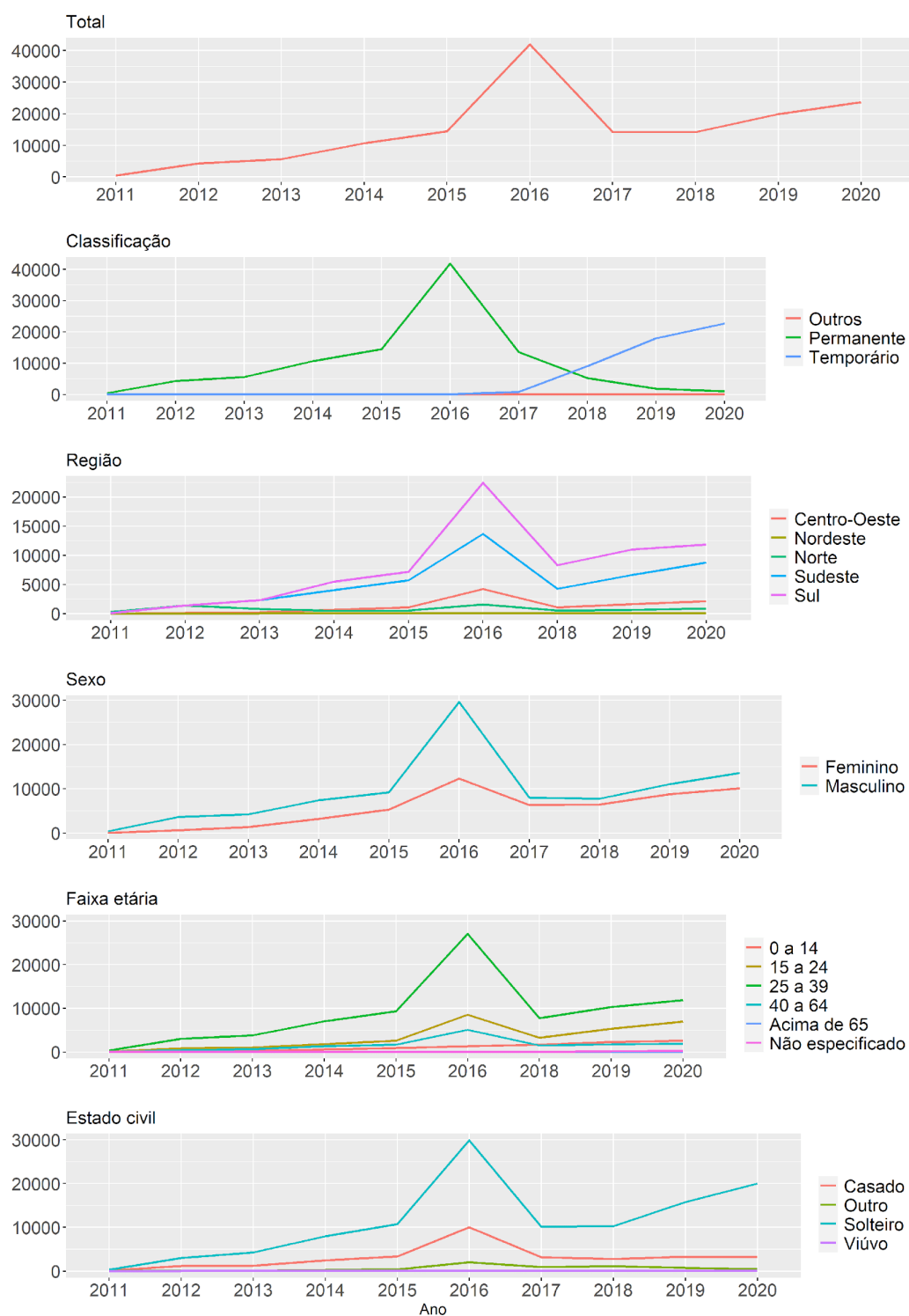
*Interações* 19(3), 471-486. <https://doi.org/10.20435/inter.v0i0.1651>

Zeni, K. & Phillipim, E.S. (2014). Migração haitiana para o Brasil: acolhimento e políticas públicas. *Pretexto* 15(2), 11-27.

<https://doi.org/10.21714/pretexto.v15i2.1534>

**Figura 1.**

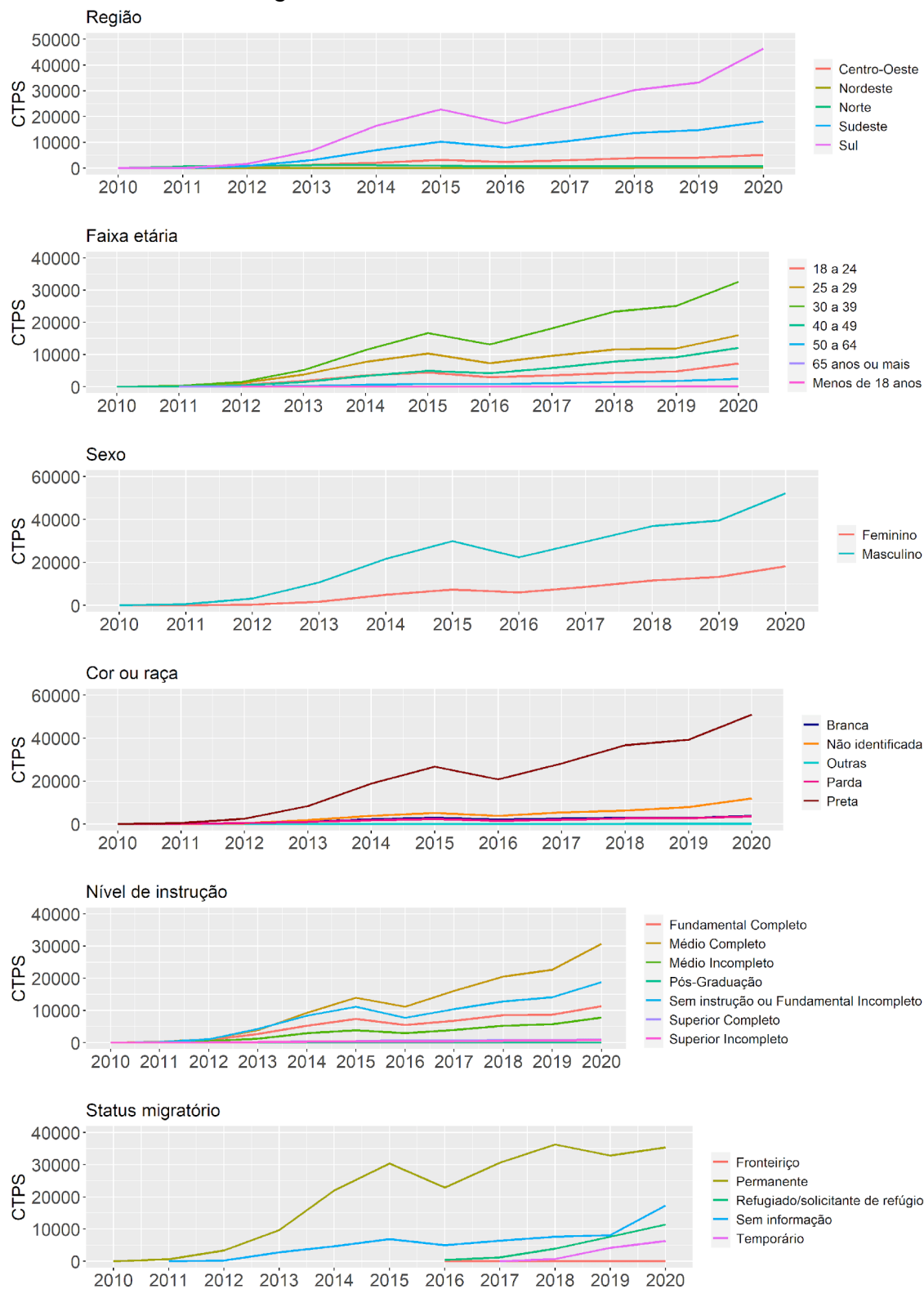
*Pedidos de Cadastro para Emissão de Registro de Nacional Migratório, 2011-2020*



Fonte: SISMIGRA – OBMigra (n.d.)

**Figura 2.**

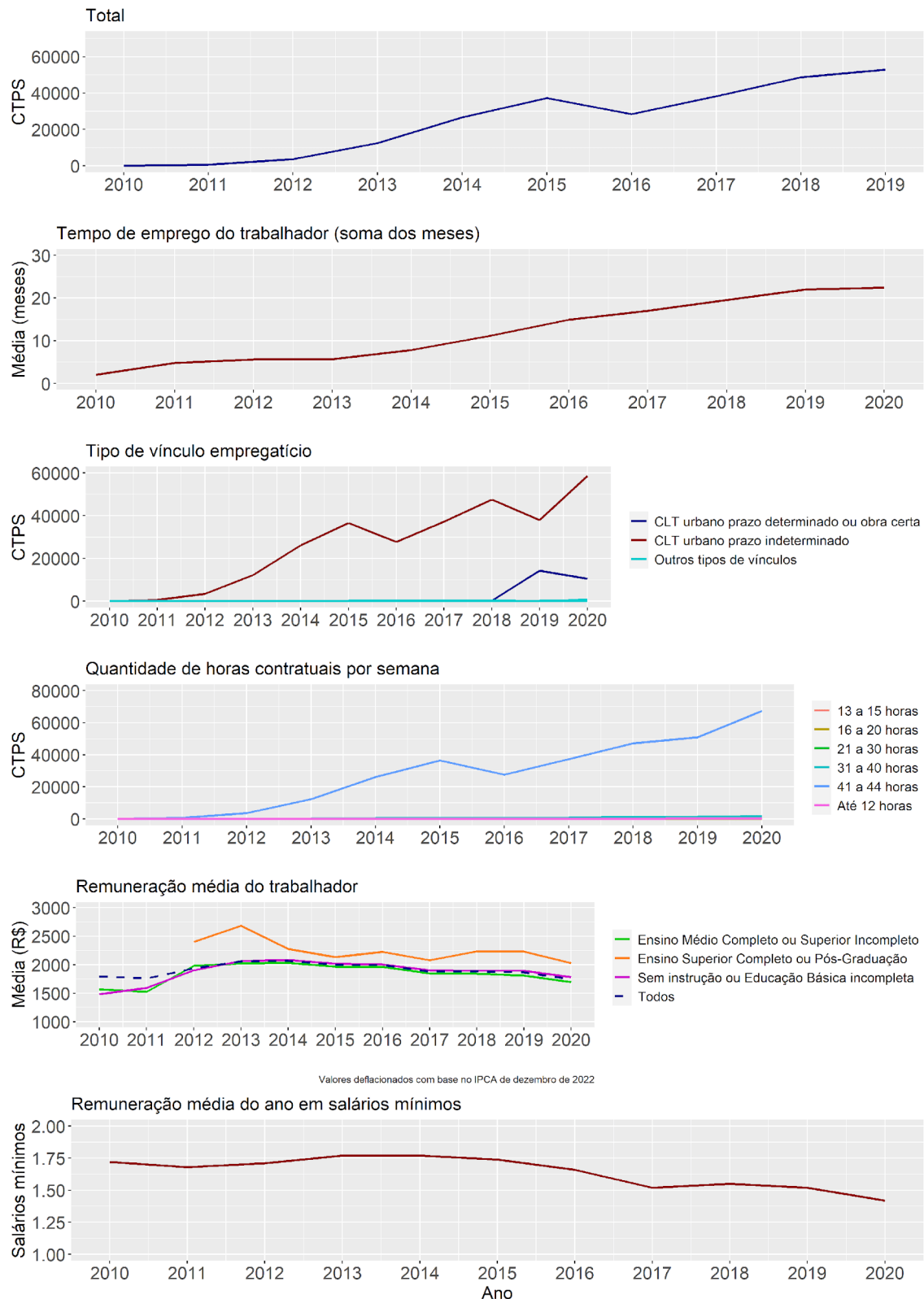
*Trabalhadores Migrantes Haitianos, Variáveis Individuais, 2010-2020*



Fonte: RAIS-CTPS Estoque – OBMigra (2023)

### Figura 3

#### Trabalhadores Migrantes Haitianos, Variáveis do Emprego, 2010-2020



Fonte: RAIS-CTPS Estoque – OBMigra (2023)



## Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.